

Stamatia Koulioumba

Orientadora:

Prof.ª. Dra. Maria Ruth Amaral de Sampaio

S

ÃO PAULO: CIDADE
MUNDIAL?
EVIDÊNCIAS e RESPOSTAS
DE UMA METRÓPOLE EM
TRANSFORMAÇÃO

026

pós-

RESUMO

A região metropolitana de São Paulo tem sido objeto de inúmeras pesquisas urbanas voltadas para o entendimento das relações socioeconômicas dos diferentes agentes envolvidos. No início do século 21 têm sido reduzidas, contudo, as abordagens que enfatizam a inserção de São Paulo no novo contexto econômico mundial. Mais do que enfatizar o caráter excludente e os enormes contrastes preexistentes nas cidades semiperiféricas do sistema capitalista mundial, pretendemos tão-somente apontar algumas evidências de que o processo de globalização vem tomando corpo sobre o território por meio das atividades terciárias e quaternárias (*serviços produtivos avançados*) aí exercidas. O presente ensaio objetiva discursar, portanto, sobre os distintos papéis contemporâneos desempenhados por esta metrópole que a colocam no cenário internacional integrando-a, assim, em um seletivo universo de *ciudades mundiais* ou *globais*.

ABSTRACT

Several researches have focused on the metropolitan region of São Paulo as its central topic, trying to understand, basically, some of its social and economical aspects. In the awake of the 21th century, however, there are few of them that emphasize the importance of São Paulo in the new world economy. Although there are enormous contrasts between Developed and Developing countries, we aim at showing here, some clear evidences that the process of globalization is getting shape particularly through the tertiary and quaternary activities (*Advanced producer services*). The present essay will point, therefore, some of the new roles played by this metropolis that contributes to its insertion in a selected universe of *world* or *global cities*.

“As cidades grandes têm fascinado os cientistas sociais ao longo do último século e isso pode ser comprovado através da imensa gama de termos utilizados para descrevê-las: cidades imperiais, cidades primárias, grandes cidades industriais, cidades milionárias, cidades mundiais, cidades capitalistas globais, centros financeiros internacionais, megacidades e cidades globais são denominações bastante conhecidas.” (Beaverstock et al, 1999: 445) Embora as **megacidades** tenham se tornado um fenômeno global e tenham adquirido uma importância, tanto nacional quanto internacionalmente, existe uma outra classe de cidades que tem sido considerada primordial para a nova ordem econômica internacional. “Estas são as chamadas **cidades mundiais** ou **globais**, pois desempenham certas funções que as diferenciam das demais e, que contribuem para o desenvolvimento da economia global, como um todo.” (Lo e Yeung, 1998: 9)

Apesar de apresentarem características de primazia¹ e serem importantes sedes do poder político, as *cidades mundiais* vão além disso (Jones, 1990: 13-4). Elas ultrapassam, pois, a rede nacional urbana, tornando-se parte de um sistema internacional. Estas cidades têm surgido a fim de possibilitar um domínio da rede metropolitana do planeta (Graham e Marvin, 1996: 139). A mais potente desta nova geografia da centralidade conecta os principais centros financeiros e de negócios do mundo desenvolvido: Nova York, Londres, Tóquio, Paris, Frankfurt, Zurique, Amsterdã, Sydney, Hong Kong. Mas inclui, ainda, outras cidades do mundo em desenvolvimento, tais como: São Paulo e Cidade do México (Sassen, 1994: 4-5). Deste modo, uma *nova hierarquia urbana de cidades* tem colaborado para o estabelecimento de diferenciados mecanismos de gerenciamento e controle da produção e das finanças internacionais mundialmente.

Diversos autores têm se voltado, assim, para o entendimento da formação deste *sistema hierárquico de cidades interconectadas* (Smith e Timberlake, 1995a, 1995b; Feagin e Smith, 1987; Friedmann e Wolff, 1982; Friedmann, 1986; Chase-Dunn, 1985). Baseados nos estudos de Immanuel Wallerstein², estes teóricos desenvolveram uma *concepção estrutural do sistema global*. Algumas das características por eles realçadas seriam, portanto, a existência de um *centro*, *semiperiferia* e *periferia*, a presença de vários mecanismos de trocas desiguais, a possibilidade de mobilidade de determinados países ao longo de um período histórico e o despontamento ou declínio de certas forças hegemônicas (Smith e Timberlake, 1995a: 88).

A literatura internacional destaca o pioneiro estudo *World cities*, de Peter Hall (1966), inspirado na obra de Patrick Geddes³ (1994), como um dos principais trabalhos a realizar interessante análise sobre Londres, Paris, Randstad, Reno-Ruhr, Moscou, Nova York e Tóquio, classificando-as em *cidades mundiais* por apresentarem determinadas características comuns, dentre as quais: principais centros de poder político; sedes das corporações transnacionais; sedes das organizações trabalhistas e profissionais; importantes centros de atividade industrial; confluências das principais ferrovias, rodovias, portos e aeroportos

(1) Este termo se refere ao domínio em todas as esferas de uma cidade sobre as demais. Ver CHRISTALLER, W. *Central places in southern Germany*. Trad. Baskin, C. W. New Jersey, USA: Englewood Cliffs, 1966.
(2) Ver WALLERSTEIN, I. *The modern world-system*, vol. III, Nova York: Academic Press, 1989; *The capitalist world economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

(3) O original da obra de Geddes data de 1915.

internacionais; sedes dos principais bancos e empresas seguradoras; concentração das instituições de pesquisa mundial; sedes de empresas disseminadoras de informação; concentração de grandes populações e de mão-de-obra internacional; crescente aumento de empregados nos serviços em contraposição aos empregados na indústria; centros especializados na prestação de serviços e no fornecimento de bens de consumo; significativos mercados internacionais.

Infelizmente a análise de Hall (1966; 1998) é bastante restrita. Apesar de seu trabalho introduzir o conceito de “*ciudades mundiais*” na pauta dos estudos urbanos contemporâneos, ele o realiza a partir da ótica do **cosmopolitanismo**, em vez de conceituar o desenvolvimento das cidades mundiais como produto da concentração do capital em geografias desiguais no sistema mundial (Beaverstock, 1999). Ou seja, sua abordagem se resume em classificar as cidades em função de determinadas características particulares. O fenômeno da **metropolização** não abrange, portanto, somente as cidades do mundo ocidental avançado. Para Jones (1990) a metropolização é um fenômeno vasto presente, também, em muitas cidades dos países em desenvolvimento. Assim sendo, os exemplos de cidades mundiais, propostos por Hall (1966), são *muito limitados* para cobrir esta questão (Jones, 1990: 125).

Uma segunda aproximação corresponde à releitura dos trabalhos anteriores, buscando situar as *ciudades mundiais* em relação a uma *nova divisão internacional do trabalho* (Cohen, 1981; Friedmann e Wolff, 1982; Glickman, 1987; Feagin e Smith, 1987; Godfrey e Zhou, 1999; Knox, 1995; Thrift, 1989). Uma das principais hipóteses é aquela apresentada por Friedmann e Wolff (1982). Seu principal argumento concentra-se no papel-chave desempenhado pelas *empresas transnacionais*. Segundo esses autores, a economia mundial estaria sendo organizada e controlada a partir destas e de suas respectivas localizações em áreas urbanas estratégicas. O estudo posterior desenvolvido por Friedmann (1986), versando sobre a **hipótese da cidade mundial**, dá continuidade ao primeiro, pois avança na conceituação das cidades mundiais, inter-relacionando-as em um espectro macroeconômico mais amplo. Nele o autor constata a existência de uma gama de países centrais e semiperiféricos, organizados em torno de uma **hierarquia mundial de cidades**. Os critérios adotados por Friedmann (1986), neste caso, assemelham-se, contudo, a vários pontos descritos anteriormente por Hall (1966). (Ver Tabela 1)

Dessa forma, embora o trabalho de Friedmann (1986) seja um excelente ponto de partida sobre a formação de uma *hierarquia de cidades*, tem-se verificado inúmeras críticas acerca desta abordagem *heurística*. A teoria proposta por Friedmann e Wolff (1982) tem sido considerada *funcionalista*, como discorrem Allen e Hamnett (1995), uma vez que se limita exclusivamente à questão das transnacionais. Tanto esta última quanto a teoria da *hipótese da cidade mundial* (Friedmann, 1986) são questionáveis, na medida em que muitas

TABELA 1:
Hierarquia das Cidades
Mundiais, segundo J.
Friedmann, 1986

Fonte: Friedmann. The
world city hypothesis.
*Development and
change*, n. 17 (1): 72,
1986

PRINCIPAIS PAÍSES DESENVOLVIDOS		PAÍSES SEMIPERIFÉRICOS	
PRIMÁRIAS	SECUNDÁRIAS	PRIMÁRIAS	SECUNDÁRIAS
Londres	Bruxelas		
Paris	Milão		
Roterdã	Viena		
Frankfurt	Madri		
Zurique			Joanesburgo
Nova York	Toronto	São Paulo	Buenos Aires
Chicago	Miami		Rio de Janeiro
Los Angeles	Houston		Caracas
	São Francisco		Cidade do México
Tóquio	Sydney	Cingapura	Hong Kong
			Taipei
			Manila
			Bangcoc
			Seul

das cidades listadas acima não possuem verdadeira função de coordenação do sistema econômico global (Allen e Hamnett, 1995).

Além disso, muitos autores têm argumentado contrariamente ao *empirismo casual* (Taylor, 1997), e o próprio Friedmann (1995) tem reconhecido prontamente que a construção de uma hierarquia urbana global estável é algo bastante difícil (Beaverstock, 1999). Neste estudo, Friedmann (1995) identifica as transformações que vêm acontecendo nas principais cidades mundiais, efetuando interessante revisão conceitual da **hipótese da cidade mundial**. O autor conclui que não existem critérios precisos que validem o *status* de mundial para nenhuma das cidades envolvidas. Para ele, as mudanças vêm ocorrendo continuamente, sendo muito provável que, em 30 anos, o mapa das cidades mundiais corresponda a algo completamente diferente daquele esboçado em meados dos anos 80 (Friedmann, 1995: 40).

Knox (1995) considera, igualmente, a necessidade de se revisar tal hipótese, levando-se em consideração a natureza contemporânea do sistema mundial. Para ele, a classificação das cidades mundiais, segundo uma hierarquia, é cada vez menos satisfatória⁴. Isto ocorre porque a posição das cidades mundiais secundárias, tanto do centro quanto da semiperiferia do sistema capitalista mundial tem sido freqüentemente revertida, de acordo com as respectivas novas funções desempenhadas (p. 9). King (1990) também é pouco favorável ao raciocínio de Friedmann (1986) em conectar os processos de urbanização às forças econômicas globais. Ele diz que "(...) a hipótese de Friedmann (1986) não relaciona os processos de urbanização, em geral, às forças econômicas, mas somente àqueles aspectos ligados as cidades mundiais: nada é dito com relação as outras partes dos sistemas urbanos nacionais com os quais as cidades mundiais se conectam e que, estão igualmente sujeitas às forças econômicas globais (...)" (p. 53).

(4) Isto ocorre devido à flexibilidade das corporações no sistema mundial e à revisão constante dos meios de comunicação, no tocante às cidades mundiais, situadas na base inferior da hierarquia urbana. Com isso, os autores sugerem a possível mobilidade de cidades posicionadas inferiormente na hierarquia mundial, proposta inicialmente por Friedmann (1986).

É inegável, contudo, a importância dos estudos de Friedmann e Wolf (1982) e Friedmann (1986) na construção de um embasamento teórico sobre as *ciudades mundiais*. Trata-se de um paradigma que sintetiza as diversas pesquisas equidistantes (mercado de trabalho, tecnologia da informação, migração internacional, estudos culturais, localização industrial, formação de classes sociais, políticas urbanas, etc.) em uma única metanarrativa atuando, também, como base para uma perspectiva mais crítica (Friedmann, 1995: 43).

O trabalho desenvolvido por Feagin e Smith (1987) é, por outro lado, o que mais se deteve concretamente no fornecimento de subsídios teóricos para a compreensão de uma *nova divisão internacional do trabalho*, bem como de sua conseqüente repercussão sobre o território. Tem-se notado, nas últimas décadas, uma impressionante concentração do capital em torno de 500 a 1.000 corporações multinacionais. Tais organizações vêm criando uma rede integrada de produção, comercialização, finanças e serviços corporativos, dispostos em torno de um sistema hierárquico de cidades (Feagin e Smith, 1987: 6). A maioria das empresas se encontra concentrada nas principais cidades do centro da economia capitalista mundial. Já as atividades produtivas industriais se têm dispersado, sobretudo, para os países de Terceiro Mundo (Feagin e Smith, 1987: 10).

Segundo esses autores, as empresas multinacionais criam uma economia transnacional, em cuja intersecção se encontram as cidades mundiais. “*Mas nem todas as cidades se situam num nível de comando. Na realidade, diferentes cidades ocupam uma variedade de nichos na economia capitalista mundial.*” (Feagin e Smith, 1987: 3). Deste modo, Glickman (1987), cujo parecer é bastante próximo de Feagin e Smith (1987), afirma que “*(...) algumas cidades mundiais, em particular, têm emergido como locais de organização e administração de corporações multinacionais. Cidades, tais como, Nova Iorque, Tóquio, Londres e Paris, abrigam concentrações de sedes corporativas, serviços avançados, sedes bancárias, centros de pesquisa e entidades governamentais. (...) Quanto mais elevada a posição de uma cidade na hierarquia urbana, maior será o controle sobre o seu destino econômico*” (p. 70). Portanto, a *difusão da atividade econômica* tem colaborado para a acentuação da *hierarquização territorial*.

Uma terceira perspectiva foca as *ciudades mundiais* como local adequado para a internacionalização e a *concentração dos serviços produtivos na economia mundial* (Beverstock, 1999). Os trabalhos realizados por Sassen (1991; 1994) emergem como principal exemplo da questão. Para Sassen (1994), “*(...) as cidades globais são os locais-chave, onde se situam os serviços avançados e as telecomunicações, necessários à implementação e ao gerenciamento das atividades econômicas globais. Elas também tendem a concentrar as sedes de firmas, sobretudo, aquelas que operam em mais de um continente*” (p. 19). Assim, “*(...) Sassen favorece um paradigma que enfatiza a produção das finanças e dos serviços avançados, não apenas enquanto categoria residual da produção industrial, mas particularmente como uma atividade em si própria. (...) Sassen*

caracteriza, conseqüentemente, as cidades globais como locais de produção de serviços avançados e mercados financeiros para a compra e venda de ações" (Friedmann, 1995: 29).

Embora os trabalhos de Sassen (1991; 1994) sejam ricos no fornecimento de dados comparativos sobre as importantes cidades globais da *triáde* Londres, Nova York e Tóquio, as principais críticas apontam para a inexistência de evidências diretas das possíveis relações entre as três e destas com as demais cidades mundiais. Beaverstock et al (2000) colocam, por exemplo, que a abordagem adotada por Sassen é essencialmente atributiva e, ademais, limitada em seu escopo quanto às relações intercidades. A própria Sassen (2001) tem-se voltado, recentemente, para uma análise mais detalhada dos possíveis circuitos de cidades globais. Apesar das limitações, seus trabalhos são considerados marcos na literatura referente às cidades globais por incorporarem, principalmente, satisfatórias compilações de dados urbanos regionais.

Podemos falar, ainda, de algumas outras aproximações cujo impacto tem sido mais regional do que internacional. Dentre eles, ressaltam-se as pesquisas desenvolvidas pela Escola de Los Angeles, ou Escola Californiana, como é mundialmente conhecida, de onde despontam autores, tais como: Soja (1989; 1996); Davis (1990); Scott (1988); Jameson (1992); Scott e Soja (1986) e Storper (1997). Embora se concentrem, exclusivamente, no estudo de caso de Los Angeles, enquanto arquétipo de cidade mundial, estes procuram esmiuçar as diversas transformações, ali ocorridas, com bastante distinção. Desta maneira, eles revelam o surgimento de novas geografias urbanas, principalmente em regiões outrora pouco estudadas.

A grande maioria dos estudos enfatiza, no entanto, a análise das cidades mundiais por si só, dando um enfoque reduzido quanto às relações existentes entre elas (Beaverstock et al, 2000). "(...) *As relações diretas entre cidades são extremamente fundamentais. As cidades estão em contato direto e freqüente umas com as outras, através dos diversos fluxos entre si. Contudo, as conexões entre cidades tem sido subestimadas ou até mesmo pouco examinadas*" (Smith e Timberlake, 1995b: 290). Neste sentido, pesquisas contemporâneas têm procurado exemplificar como se dão as principais conexões entre as *cidades mundiais* e suas respectivas intensidades. Outros estudos buscam identificar a importância de algumas cidades, as quais têm sido poucas vezes mencionadas nas abordagens mais convencionais (Smith e Timberlake, 1995b; Beaverstock et al, 2000).

Beaverstock et al (1999) realizaram interessante trabalho no qual questionam a hierarquização preexistente de *cidades mundiais* ou *globais*. Baseados nos principais argumentos de Sassen (1994) sobre as cidades globais enquanto pólos de concentração dos serviços produtivos avançados⁵, estes autores levantam a capacidade global das diversas cidades, com ênfase particular na localização de empresas de serviços avançados. Para isso, foram selecionados quatro tipos de serviços produtivos avançados: *contabilidade, publicidade e*

(5) Para Saskia Sassen (1994), as cidades mundiais constituem o *locus* da produção pós-industrial e são os sítios onde se localizam, por conseguinte, os principais centros de serviços produtivos avançados.

(6) O termo em inglês para as firmas analisadas é *corporate service firms*.

propaganda, sistema bancário/financeiro e direito internacional. Estes itens foram analisados separadamente, de acordo com a incidência maior ou menor dessas empresas⁶, para cada uma das cidades listadas, sendo posteriormente classificados em três níveis: *cidades primárias*, *cidades relevantes* e *cidades secundárias*.

Cento e vinte e duas cidades foram analisadas no total. Somente dez cidades obtiveram a classificação primária, dez cidades a classificação relevante e 35 cidades secundárias. Das cidades denominadas **primárias**, ou cidades *tipo Alpha*, quatro se situam na Europa Ocidental, três nos Estados Unidos, e três na Ásia. A incidência de cidades do *tipo Beta*, ou cidades **relevantes**, ocorre nas mesmas regiões mencionadas no caso anterior, porém com a inclusão de algumas mais, tais como: Sydney (Austrália), Toronto (Canadá), Cidade do México (México) e Moscou (Rússia). Além destas, uma região em desenvolvimento desponta, com o exemplo de São Paulo, na América do Sul. Finalmente, revelaram-se apenas 35 cidades do *tipo Gama*, ou cidades **secundárias**, dentre as quais Johannesburgo, na África do Sul, destaca-se como única representante do continente africano. As demais 68 cidades apresentam algumas evidências de configuração mundial, sendo, porém, precipitado denominá-las como tal. A Tabela 2, selecionada adiante, relata as principais cidades definidas como **mundiais**, em um *ranking* que oscila de 1 a 12.

TABELA 2:
Relação das principais cidades mundiais, segundo Beaverstock et al (1999)

Fonte: Beaverstock et al, 1999

CIDADES MUNDIAIS TIPO ALPHA (PRIMÁRIAS)	
12	Londres, Paris, Nova York, Tóquio
10	Chicago, Frankfurt, Hong Kong, Los Angeles, Milão, Cingapura
CIDADES MUNDIAIS TIPO BETA (RELEVANTES)	
09	São Francisco, Sydney, Toronto, Zurique
08	Bruxelas, Madri, Cidade do México, São Paulo
07	Moscou, Seul
CIDADES MUNDIAIS TIPO GAMA (SECUNDÁRIAS)	
06	Amsterdã, Boston, Caracas, Dallas, Dusseldorf, Genebra, Houston, Jakarta, Johannesburgo, Melbourne, Osaka, Praga, Santiago, Taipei, Washington
05	Bangcoc, Pequim, Montreal, Roma, Estocolmo, Varsóvia
04	Atlanta, Barcelona, Berlim, Buenos Aires, Budapeste, Copenhague, Hamburgo, Istambul, Kuala Lumpur, Manila, Miami, Minneapolis, Munique, Xangai

O estudo de Beaverstock et al (1999) busca elucidar, então, algumas das classificações mais tradicionais sobre **cidades mundiais**. Sua importância reside no fato de traçar uma reflexão consistente acerca das cidades situadas nos pontos intermediários e inferiores da *hierarquia mundial de cidades*, mostrando a inserção de algumas, outrora excluídas das classificações mais convencionais. Porém, como colocam os próprios autores, uma hierarquização a partir da análise exclusiva dos serviços produtivos avançados é bastante reducionista, bem como

arriscada. É necessário que se complementem tais estudos a partir da interconectividade entre as sugeridas cidades mundiais, por meio dos transportes e das telecomunicações.

Neste sentido, com base nos dados das conexões aéreas e destinos principais, Keeling (1995) estudou a expressiva primazia de Nova York, Londres e Tóquio, enquanto conurbações globais de transportes aéreos. Diz o autor: “(...) *juntas, essas três cidades recebem 36,5 por cento do total global de vôos non-stop das 20 principais cidades dominantes do transporte aéreo*” (Keeling, 1995: 121). Cingapura e Hong Kong são, por sua vez, os centros mais importantes em termos de tráfego regional da Ásia, mas Tóquio é a principal metrópole da região. Em um segundo nível, encontram-se as cidades de: Paris, Frankfurt, Amsterdã e Zurique, na Europa; Miami e Los Angeles, nos Estados Unidos; Cingapura, na Ásia; e Cairo, na África. Elas agem como importantes conexões na economia global, mas são responsáveis por zonas específicas (Keeling, 1995: 123). Finalmente, existem as cidades com atuação *regional*: Moscou, Hong Kong, São Paulo e Sydney. Embora estas cidades concentrem inúmeros bancos e sedes de importantes multinacionais, suas influências são primordialmente de natureza regional e doméstica (Keeling, 1995: 125).

Rimmer (1998), em trabalho semelhante, porém mais abrangente do que o de Keeling (1995) avalia, além dos dados de transporte aéreo de passageiros, *outras modalidades de transporte* (como, por exemplo, *transporte marítimo e aéreo de cargas*) e de *telecomunicações*, no favorecimento da composição de um quadro significativo de *cidades mundiais*. As conclusões obtidas são próximas às de Keeling (1995), na medida em que se sugere uma elevada concentração do transporte aéreo de passageiros em torno de certas cidades. O mesmo se processa para as telecomunicações. A concentração dos transportes aéreos, em determinadas conurbações ou *cidades mundiais* refletem, por conseguinte, a predominância das mesmas em relação às demais inferiormente posicionadas na hierarquia global.

Não existe, portanto, a nosso ver, uma maneira definitiva e única de se abordar a questão das cidades mundiais. A literatura internacional propõe, porém, alguns conceitos capazes de esclarecer as possíveis evidências da transformação de uma cidade em mundial. Dentre eles listamos: amplo setor terciário e quaternário (incluindo finanças, setor bancário, publicidade e propaganda, direito internacional, sedes institucionais e governamentais, unidades de ensino, lazer e entretenimento, turismo e instituições culturais); eficientes sistemas de transportes e telecomunicações; novas organizações físico-sociais sobre o território; e outros mais. Analisaremos, a seguir, a inserção de São Paulo no quadro das chamadas *cidades globais* ou *mundiais*, a partir de tais critérios.

A importância da **região metropolitana de São Paulo**, como pólo centralizador nacional e *cidade mundial* ou *global* na semiperiferia do capitalismo mundial, tem sido largamente abordada, tanto pela literatura nacional quanto pela

internacional. Como coloca Schiffer (1999), o processo de unificação do mercado nacional, concluído no início dos anos 70, significou em níveis macroeconômico e do espaço econômico nacional, uma concentração espacial de atividades produtivas e de capital no estado de São Paulo e na região metropolitana de São Paulo. Estas transformações reforçaram, por sua vez, o caráter de *centro nacional* da metrópole paulista: *locus* da maior concentração de população e empregos nos setores secundário e terciário, epicentro das ligações rodoviárias, aéreas, telecomunicacionais, da demanda energética, da tecnologia de ponta, da difusão de padrões de consumo (p. 76).

A contribuição da **indústria paulista** para a produção nacional é indiscutível. Apesar da descentralização das plantas industriais, ocorridas mormente no final da década de 80 e ao longo dos anos 90, a participação atual do estado de São Paulo é ainda bastante representativa. Em 1996, este concentrava cerca de 50% da produção industrial do país, quase o dobro da produção conjunta de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, que respondiam isoladamente por um total individual de mais ou menos 9% (Araújo, 1999: 40). A aglomeração da atividade industrial se faz, porém, de forma mais acentuada em torno da região metropolitana de São Paulo e respectivos arredores, compreendendo um raio de aproximadamente 150 km a partir do centro da mesma. Cerca de 60% do valor adicionado da produção industrial do estado localizava-se na região metropolitana de São Paulo, sendo um restante de 30% distribuído nas regiões administrativas de Campinas, São José dos Campos, Santos e Sorocaba, como nos coloca Matteo e Tapia (2000), baseados em dados da Pesquisa da Atividade Econômica Paulista – Paep, de 1996 (Tabela 3). Este fato

TABELA 3:
Distribuição do número de unidades, pessoal ocupado e valor adicionado, segundo região administrativa (%)

Fonte: Fundação Seade, 1996. *Pesquisa da Atividade Econômica Paulista – Paep*

Estado de São Paulo (1996)

Região Administrativa	Número de Unidades	Pessoal Ocupado	Valor Adicionado
Total	100,0	100,0	100,0
Região Metropolitana de São Paulo	56,9	56,8	60,4
Município de São Paulo	40,3	33,0	33,1
Municípios do ABC	6,6	11,3	13,8
Demais municípios da RMSP	9,9	12,5	13,5
Campinas	14,8	16,9	16,1
São José dos Campos	3,2	4,4	6,5
Sorocaba	5,8	6,0	5,2
Ribeirão Preto	2,1	2,3	2,2
Santos	1,3	1,1	2,1
Central	2,4	2,4	1,9
Bauru	2,1	2,6	1,4
São José do Rio Preto	3,2	2,0	1,0
Barretos	0,6	0,5	0,8
Franca	2,1	1,5	0,6
Araçatuba	1,6	1,4	0,6
Marília	2,0	1,2	0,6
Presidente Prudente	1,4	0,8	0,4
Registro	0,4	0,2	0,2

gera o chamado fenômeno da *desconcentração concentrada*, assim intitulado a fim de descrever o processo no qual parcela da indústria se desloca para fora dos grandes centros urbanos, mas mantém vínculos estreitos com os mesmos (Lencioni, 1994; Matteo e Tapia, 2000).

Assim sendo, conforme diz Lencioni (1994), “(...) a reestruturação urbano-industrial da metrópole de São Paulo, produto dos processos de concentração e centralização do capital, se traduz num fenômeno socioespacial novo, criação e reiteração de uma região metropolitana mais complexa, fragmentada e hierarquizada, em que a conurbação de cidades, o crescimento relativamente menor de algumas ou exacerbado de outras, (...) não significam processos autônomos de metropolização. Ao contrário, são manifestações constitutivas da expansão do espaço metropolitano paulista, que se configura numa ‘macro-metrópole’ que é reforçada e não negada pela dispersão industrial”. A estrutura industrial do conjunto de regiões que forma o entorno da região metropolitana de São Paulo apresenta, conseqüentemente, um elevado grau de complementariedade e de integração funcional com esta (Matteo e Tapia, 2000).

TABELA 4:
Atividade econômica industrial no estado, segundo região administrativa

Fonte: Fundação Seade. Pesquisa da Atividade Econômica Paulista – Paep, 1996

Estado de São Paulo (1996)

Região Administrativa	Total de Unidades Locais	Pessoal Ocupado	Receita Líquida (R\$ milhões)	Valor Adicionado (R\$ milhões)
Total	49.017	2.188.358	160.915	74.165
Região Metropolitana de São Paulo	27.868	1.243.880	91.635	44.794
Registro	(a) ⁷ 180	(a) 3.619	(a) 237	185
Santos	(a) 636	24.393	3.444	1.566
São José dos Campos	1.592	95.380	13.321	4.810
Sorocaba	2.864	130.911	7.787	3.849
Campinas	7.276	369.631	26.966	11.938
Ribeirão Preto	1.046	50.130	3.436	1.606
Bauru	1.016	57.442	2.825	1.043
São José do Rio Preto	1.576	42.761	1.902	749
Araçatuba	785	30.227	992	478
Presidente Prudente	674	17.728	926	288
Marília	987	27.053	1.352	409
Central	1.190	51.662	3.330	1.398
Barretos	(a) 316	11.723	1.477	572
Franca	1.011	31.819	1.286	479

(7) a. Erro amostral relativo com nível de confiança de 90% (CVx 1,64) entre 30% e 60%.

O incremento dos serviços tem resultado, porém, em afirmações muitas vezes equivocadas de que a região metropolitana vem se desindustrializando, cedendo lugar exclusivamente ao setor terciário. A participação de pessoas ocupadas no setor de serviços, por exemplo, ilustra o fato (de 50,8%, em 1996, para 54,8%, em 1999). Inversamente, a porcentagem da população empregada na indústria vem diminuindo ao longo dos últimos anos (Tabela 5). Muitas têm sido as justificativas para o crescimento do terciário em São Paulo, dentre elas se sugerem: o aumento do setor informal, a desindustrialização (e/ou desconcentração concentrada) e o novo paradigma técnico-científico.

TABELA 5:
Participação das pessoas
ocupadas segundo o
setor de atividade
econômica (%)

Fonte: Sempla, 2001
(baseado em Pesquisa de
Emprego e Desemprego –
PED)

Município de São Paulo (1996/1999)

Setor de Atividade	1996	1997	1998	1999
Município de São Paulo	100,0	100,0	100,0	100,0
Indústria	20,8	18,9	17,8	18,0
Metal-Mecânica	7,5	6,8	6,3	6,1
Química e Borracha	2,0	2,0	2,0	1,9
Vestuário e Têxtil	4,5	3,7	3,3	3,5
Alimentação	1,4	1,3	1,4	1,2
Gráfica e Papel	2,2	1,9	1,8	2,1
Outras	3,3	3,2	3,0	3,1
Construção Civil	2,7	2,6	2,4	2,2
Comércio	17,4	17,2	17,0	15,8
Serviços	50,8	52,6	54,1	54,8
Reformas	2,0	2,6	2,6	2,6
Oficina Mecânica	1,8	1,9	1,8	1,8
Limp. e Outras Oficinas	4,4	4,1	4,5	4,3
Transportes	4,3	4,5	4,4	4,6
Especializados	6,2	6,6	6,8	7,1
Admin. e Util. Pública	4,5	4,7	4,9	5,0
Creditícios	3,3	3,3	3,3	3,2
Alimentação	5,2	5,5	5,6	5,4
Educação	3,7	3,7	3,7	3,7
Saúde	4,3	4,1	4,5	4,4
Auxiliares	2,8	3,0	3,2	3,4
Outros	8,3	8,7	8,8	9,1
Serviços Domésticos	7,8	8,3	8,3	8,8
Outros	0,5	0,5	0,4	0,4

A atividade terciária tem contribuído, também, para a modernização econômica pela introdução de novas tecnologias e mão-de-obra altamente qualificada. A Emplasa (2000) considera ainda o setor de serviços “(...) como a mais importante atividade econômica do Município, responsável por cerca de 45% dos estabelecimentos e 37% dos empregos” (Emplasa, 2000). Segundo tal fonte, tais percentuais permanecerão elevados, considerando a importância da região metropolitana de São Paulo dentro do contexto econômico da América Latina e o seu respectivo desempenho enquanto *cidade mundial* ou *global*. Esses índices demonstram, então, o potencial da capital enquanto *campo aglomerativo*, exercendo sua liderança com base em novos padrões de competitividade por meio de “(...) recursos humanos altamente qualificados, novas formas de cooperação produtiva e empresarial, pequenas e médias indústrias limpas (de alta tecnologia e não poluentes), serviços industriais especializados e serviços financeiros e gerenciais integrados” (Rolnik et al, 1990).

Dessa forma, os serviços e algumas atividades industriais passam a dominar o conjunto das atividades econômicas produtivas altamente especializadas e concentradas em áreas restritas do território paulistano. Não se trata, portanto, de duas esferas econômicas distintas (aumento da participação dos serviços e desindustrialização), mas de movimentos que se auto-reforçam por meio da chamada *sístole e diástole*, esboçada por Santos e Silveira (2001), na qual de um

(8) Leia-se da dispersão de algumas atividades industriais e de serviços.

(9) Leia-se atividades terciárias do subsetor produtivo.

(10) 42,9% dos turistas que visitam São Paulo o fazem com a finalidade de negócios, e outros 8,2% para congressos, segundo dados da Embratur, 1998. O restante visita a capital por lazer (turismo).

(11) Segundo o São Paulo Convention Bureau, em recente pesquisa, são gastos anualmente por turistas que visitam São Paulo cerca de 2,6 bilhões de reais. Ver SÃO PAULO CONVENTION BUREAU. *Pesquisa e Diagnóstico Econômico do Turismo de Eventos da Cidade de São Paulo*. São Paulo, 2001. O número de visitantes a turismo tem crescido também nos últimos anos (cerca de 53% em 1999, de acordo com dados da Embratur).



FOTO 1:
Avenida Paulista: principal centro de atividades terciárias de São Paulo nos anos 70 e início dos 80

Fonte: Banco de Dados da autora

lado surge uma tendência à dissolução da metrópole⁸ e, de outro lado, evidencia-se sua capacidade de comando, sobretudo quanto à informação e ao sistema bancário⁹ (p. 141). A análise fragmentada da distribuição dos diversos subsetores de atividades dos **setores terciário e quaternário** (*pessoal, distributivo, produtivo e social*) sobre o espaço urbano da região metropolitana de São Paulo permite-nos avaliar, desta forma, as dinâmicas contemporâneas de estruturação de São Paulo como *cidade mundial* ou *global*.

Embora os **serviços pessoais** não respondam diretamente como um dos principais responsáveis pelas mudanças estruturais do novo paradigma econômico mundial, acreditamos ser de suma importância sua avaliação, graças à introdução de hábitos internacionais de consumo gerados a partir da globalização. Dentre eles, destacamos: o turismo, a hotelaria, a cultura e lazer, e os serviços pessoais do tipo franquias. A integração mundial, devido ao advento das telecomunicações e transportes, tem condicionado o crescente fluxo mundial de turistas. Seus reflexos no país são similares aos de outros, onde se nota um incremento de cerca de quatro milhões entre os anos de 1990 e 1999. São Paulo, diferentemente das demais regiões do país, assimila, em primeiro lugar, de acordo com as estatísticas recentes, um grande contingente de turistas com a finalidade de negócios¹⁰. Nos últimos anos, no entanto, este número tem-se voltado também para o lazer e o entretenimento, em função das opções culturais e de compras unicamente aqui oferecidas¹¹.

Isso tem possibilitado o rápido desenvolvimento do setor hoteleiro da capital. Há uma proliferação de hotéis administrados por cadeias internacionais, cuja atuação marcante introduziu, entre 1998 e 2001, algo em torno de 4.000 novos quartos. Curiosamente a distribuição físico-espacial dos hotéis tem revelado interessantes alterações na paisagem urbana. Outrora concentrados nos arredores da centralidade paulista, muitos deles têm sido construídos junto às margens do rio Pinheiros (vetor sudoeste), nas cercanias do novo centro administrativo e econômico da metrópole. Importantes hotéis de luxo, tais como: Marriot, Hilton, Hyatt, e outros, compõem exemplos de “5” estrelas com previsão de finalização próxima. Por outro lado, observa-se o deslocamento de redes hoteleiras e *flats* para outras regiões menos privilegiadas. Exemplos incluem os hotéis Meliá Comfort e Blue Tree Towers, ambos na zona leste da capital, sugerindo a dispersão do setor para outras localidades.

O espraiamento de algumas atividades de caráter internacionalizante não é, entretanto, um produto exclusivo do ramo do turismo e da hotelaria. Muitos cinemas pertencentes às três principais redes internacionais (UCI, Cinemark e Hoyts) situam-se em áreas periféricas e, nos shopping centers, de uma maneira geral. Das 197 salas de cinema, existentes em 2000, 145 estavam localizadas nos shoppings. A acentuada concentração destes nos vetores sul, oeste e sudoeste da capital revelam, contudo, uma tendência excludente desta e de outras modalidades de cultura e lazer. Museus, teatros e casas de espetáculos são as principais mostras do aumento da elitização, uma vez que se localizam predominantemente em áreas de melhor infra-estrutura urbana. O mesmo tem ocorrido em relação aos serviços pessoais do tipo franquias. Destas, as mais sofisticadas seguem padrões de proximidade com as centralidades de primeira grandeza. Já no caso dos serviços pessoais, mais voltados ao consumo direto, constata-se uma difusão ao longo do território. Escolas de inglês, videolocadoras, lojas de alimentação e outros se deslocam gradualmente para as demais regiões da metrópole. Padrões de consumo internacional tendem, pois, a universalizar-se sobre o território, mesmo de forma distinta.

Os **serviços distributivos** (*transportes, telecomunicações e comércio*) respondem, por sua vez, enquanto agentes facilitadores do processo de internacionalização da economia mundial. Apesar de terem apresentado um maior crescimento em termos nacionais entre os anos 40 e 90, a análise recente deste subsetor colabora incommensuravelmente por revelar a maneira como vem se processando a assimilação de novas tecnologias informacionais. Em um paralelo para a questão do transporte aéreo internacional de passageiros, averigua-se a elevação no número de pousos e decolagens entre 1990 e 2000, passando de aproximadamente 13.500 para 33.500 em cada um dos respectivos casos. Os embarques e desembarques sofrem também incremento para o mesmo período (de 850.000 em média para 3 milhões)¹². A vinculação do Aeroporto Internacional de São Paulo aos demais aeroportos mundiais se processa, fundamentalmente,

(12) Dados referentes ao Aeroporto Internacional de São Paulo/Cumbica.

por várias companhias aéreas atuantes¹³. Embora os indicadores sejam evidentes em termos quantitativos, em termos qualitativos deixam a desejar, pois as vinculações ao mercado internacional são reduzidas quando comparadas aos diferentes pares de fluxos aéreos entre cidades¹⁴.

As telecomunicações respondem melhor, portanto, às transformações técnico-científicas. Embora o Brasil se encontre em defasagem em relação a alguns países em desenvolvimento, percebe-se que o estado de São Paulo e o seu município se diferenciam do restante do país. Dos 4.857.631 acessos telefônicos fixos do estado, 3.442.737 se localizavam na capital. Em 1996, do total de 47.449.983 ligações completadas no tronco internacional, 15.019.673 pertenciam exclusivamente ao município de São Paulo, revelando, assim, uma forte ligação desta com o exterior. As novas tecnologias de telefonia têm crescido igualmente. Mais ou menos metade dos 4.719.100 acessos de telefonia móvel, em 1999, situavam-se na grande metrópole, sendo parcela substancial desta centrada no município. Demais tecnologias têm se apresentado de forma mais concentrada na capital paulista. Das 316 localidades servidas pelo sistema de televisão por assinatura do tipo cabo ou MMDS, 82 se concentravam na cidade. São Paulo lidera esta modalidade com a maioria dos assinantes do país¹⁵. Boa parte das empresas, dentre elas a Net, Sky Television, DirectTV, etc., e têm suas sedes na nova centralidade Faria Lima-Berrini e Verbo Divino. O adensamento dos provedores de internet acontece, também, nas proximidades da Vila Olímpia (vetor sudoeste).

O comércio, por último, embora se caracterize como modalidade mais tradicional do subsistema de distribuição, tem sofrido modificações ao longo dos anos 80 e 90 com a proliferação do varejo e a concentração de diversas especializações atacadistas. A região metropolitana de São Paulo detém, assim, 40,5% das unidades comerciais totais do estado que correspondiam a 51,6% do valor adicionado, em 1996. A construção recente de muitos shopping centers em vetores menos privilegiados tem contribuído para a criação de centralidades localizadas em periferias mais distantes (exemplos incluem os shopping centers Aricanduva, Penha e Tatuapé, na zona leste)¹⁶. Além disso, os processos internacionalizantes têm inserido São Paulo em uma das seletas localidades, nas quais têm se instalado as principais grifes renomadas.

Do ponto de vista dos **serviços produtivos**, que incluem: o setor bancário e financeiro; a publicidade e propaganda; consultoria e assessoria; advocacia; e vários outros, temos a elevada participação do município e, em particular, de algumas parcelas de seu território. A inserção da Bolsa de Valores de São Paulo no contexto internacional, embora com participação anual total inferior a de muitos outros mercados financeiros exemplifica, de um lado, a crescente participação da metrópole paulistana no investimento de capitais estrangeiros. Uma série de bancos estrangeiros têm atuado ainda na capital, adquirindo força maior a partir da reestruturação do setor (fusões e aquisições). Assim, algumas

(13) Aproximadamente 33 empresas aéreas internacionais atuavam em São Paulo, em 1999. Estas estatísticas têm oscilado nos últimos anos devido à recente crise da economia mundial, que exigiu o fechamento de inúmeras rotas aéreas.

(14) Alguns levantamentos mostram que o Aeroporto Internacional de São Paulo não figura entre os 50 maiores do mundo. Sua participação é, no entanto, maior em âmbito regional devido à sua presença marcante no Mercosul.

(15) Ver pesquisa realizada pela Associação Brasileira de TV por Assinatura (ABTA) Dados do Mercado. In: <http://www.abta.com.br/tvporassinatura/dadosdomercado.htm>.

(16) Sobre o desenvolvimento dos shopping centers em São Paulo, ver PINTAUDI, S. M. e FRUGOLI JR, H. (Eds.). *Shopping centers: Espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

(17) De acordo com a pesquisa PAEP, de 1996, a indústria gráfica ocupava a quarta posição em relação às demais no ranking de classificação geral.

(18) Sobre a consolidação do setor publicitário em São Paulo, consultar ANTONGIOVANNI, L. Alguns nexos entre a atividade publicitária e o território brasileiro. In: Santos, M., Silveira, M. L. S. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

(19) Em termos literários, muitos autores consideram o setor de informática enquanto pertencente ao setor quaternário. Para efeitos deste trabalho, consideraremos este serviço como parte dos serviços produtivos avançados.

(20) Ver Revista *Exame*. Melhores e maiores 2001, São Paulo: Editora Abril, jul. 2001.

sedes de bancos internacionais têm se deslocado da região da Paulista para o vetor sudoeste (eixo Faria Lima-Berrini). Tem ocorrido o espraiamento de agências bancárias de propriedade internacional para regiões menos privilegiadas da capital (zonas sul e leste).

São Paulo é, ainda, a 11ª cidade no mundo que mais movimenta verbas em termos de publicidade. A existência de uma forte indústria gráfica¹⁷ na capital funciona enquanto um dos fatores responsáveis pelo destaque da metrópole paulistana neste setor. Além disso, o mercado consumidor e a mão-de-obra especializada atuam como importantes elementos na consolidação de São Paulo no cenário internacional. As principais agências de publicidade mundiais se situam em áreas proeminentes, sobretudo nas regiões sul e sudoeste¹⁸. A exigência de novas formas de gerenciamento e controle tem propiciado igualmente o desenvolvimento acelerado do setor de consultoria e assessoria. Importantes empresas internacionais, tais como: Andersen Consulting, KPMG, Ernst & Young, Pricewaterhouse Coopers, Accenture, BDO International vêm exercendo seu domínio na capital. Também aqui se encontram as mais renomadas firmas de direito internacional.

Se considerarmos a informática¹⁹, como uma fatia dos serviços produtivos, é possível afirmar que São Paulo se encontra na ponta da revolução tecnológica do país. Cerca de 60% das empresas de informática, por exemplo, têm as suas sedes no município. Ou seja, 32 das 50 maiores empresas no ramo de informática estão aí localizadas²⁰. Isso se dá em decorrência da ampla estrutura física e tecnológica existente. Boa parte das empresas internacionais de softwares e demais equipamentos de informática se apresenta altamente concentrada no vetor sudoeste, estando especialmente contidas no interior de uma série de edifícios inteligentes às margens do rio Pinheiros.



FOTO 2:
Vista da marginal do Rio Pinheiros com o novo Centro Corporativo de São Paulo

Fonte: Banco de Dados da autora

(21) Podemos incluir nessa listagem a Universidade de São Paulo e os seus departamentos de pesquisa, a Universidade de Campinas, órgãos governamentais de ensino e pesquisa, dentre outros.

Quanto aos **serviços sociais**, que abrangem a *educação* e a *saúde*, é inegável a existência maciça de centros de excelência em pesquisa e desenvolvimento na região metropolitana e seu entorno imediato²¹. Do total de universitários matriculados no país, aproximadamente 31% estavam na capital paulista, graças ao número expressivo de faculdades e universidades. A localização privilegiada em termos espaciais do acesso ao ensino vem sendo gradativamente desmistificada, porém, com o surgimento do ensino superior particular nas periferias mais distantes. Este fato não diminui, todavia, a exclusão social e o acesso ao ensino pela maior parte da população residente. O mesmo acontece em relação à saúde, em que os principais hospitais e centros médicos estão aglomerados em uma pequena parcela territorial.

Dessa forma, podemos concluir que a existência dos subsetores do terciário, *produtivo* e *distributivo*, bastante consolidados, colaboram por responder à hipótese que São Paulo estaria se transformando em uma *cidade mundial* ou *global*, justamente porque vem incorporando gradativamente os principais elementos que caracterizam o processo de globalização, ou seja, os avançados mecanismos tecnológicos e o acentuado fluxo de capitais internacionais. Paralelo a esse fato, tem-se notado, igualmente, a configuração de certas polaridades presentes em outras metrópoles mundiais, como, por exemplo, o crescimento da exclusão social, a guetização, a informalidade e a violência urbanas, de um lado, e, de outro lado, a formação de tecnopólos, centros avançados de pesquisa, de áreas propícias ao entretenimento e à cultura, zonas residenciais exclusivas, etc.

São Paulo passa a integrar, então, um agrupamento de *idades mundiais* ou *globais* por apresentar características necessárias ao funcionamento do sistema capitalista mundial. Muitos autores destacam, no entanto, que esta metrópole, embora global, não faz parte de seu principal sistema de comando. Existem, assim, inúmeros problemas e contrastes socioeconômicos que impedem sua plena atuação. Apesar disso, é possível argumentar que a última década tem propiciado o surgimento, por nós denominadas, *de ilhas de excelência*, onde acontece uma forte concentração e sobreposição das atividades terciárias produtivas avançadas sobre o território metropolitano da capital. Surgem, então, *processos simultâneos* e não *dicotômicos*, nos quais é observada a pulverização de determinadas atividades terciárias de caráter pessoal, distributivo e, às vezes, produtivo, formando as chamadas *periferias globalizantes*. Resta-nos perguntar somente se a **São Paulo cidade global** é um produto da centralização regional e/ou resultado de processos econômicos mundiais em transformação. Questão esta de difícil resposta, uma vez que São Paulo encerra em si própria as contradições de um período acelerado de internacionalização em curso.

BIBLIOGRAFIA

- ABTA (Associação Brasileira de TV por Assinatura). Dados do Mercado. In: [http:// www.abta.com.br/tvporassinatura/dadosdomercado.htm](http://www.abta.com.br/tvporassinatura/dadosdomercado.htm).
- ALLEN, T., HAMNETT, C. *A shrinking world: Global unevenness and inequality*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1995.
- ANTONGIOVANNI, L. Alguns nexos entre a atividade publicitária e o território brasileiro. In: SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. S. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ARAÚJO, M. de F. I. Mapa da estrutura industrial e comercial do estado de São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: Fundação Seade, vol. 13, n. 1-2, jan./jun. 1999.
- BEAVERSTOCK, J. V. et al. A Roster of World Cities, *Cities*. v. 16, n. 6, p. 445-458, 1999.
- _____. World city network: A new metageography? *Annals of the Association of American Geographers*, v. 90, n. 1, p. 123-134, 2000.
- CHASE-DUNN, C. K. The system of world cities, ad 800-1975, In: TIMBERLAKE, M. *Urbanization in the world-economy*. Londres, UK: Academic Press Inc., 1985.
- CHRISTALLER, W. *Central places in southern germany*. Trans. C. W., Baskin, New Jersey, USA: Englewood Cliffs, 1966.
- EMPLASA (Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo). CD-ROM: *Por dentro do município de São Paulo*. São Paulo: Emplasa, 2000.
- FEAGIN, J. R., SMITH, M. P. (Eds.). *The capitalist city: Global restructuring and community politics*. Oxford, UK: Blackwell, 1987.
- FRIEDMANN, J. The World City Hypothesis. *Development and change*, v. 1, n. 17, p. 69-83, 1986.
- _____. Where we stand: A decade of world city research. In KNOX, P.L.: TAYLOR, J. (Eds.) *World cities in a world-system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- FRIEDMANN, J., WOLFF, G. World City Formation: An Agenda for Research and Action. *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 6, p. 309-44, 1982.
- FRUGOLI JR., H. *Centralidade em São Paulo: Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Editora Cortez/Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FUNDAÇÃO SEADE. *Pesquisa da Atividade Econômica Paulista – Paep*. São Paulo: Seade, 1996.
- GEDDES, P. *Cidades em evolução*. Tradução Maria José Ferreira de Castilho. Campinas, Brasil: Papirus, 1994.
- GLICKMAN, N. F. Cities and the International Division of Labor. In: FEAGIN, J. R., SMITH, M. P. (Eds.). *The capitalist city: Global restructuring and community politics*. Oxford, UK: Blackwell, 1987.
- GODFREY, B. J., ZHOU, Y. Ranking Cities: Multinational Corporations and the Global Urban Hierarchy. *Urban Geography*, n. 20, p. 268-281, 1999.
- GRAHAM, S., MARVIN, S. *Telecommunications and the city*. Londres, UK: Routledge, 1996.
- HALL, P. Globalization and the world cities. In: LO, F., YEUNG, Y. (Eds.) *Globalization and the world of large cities*. Nova York, USA: United Nations University Press, 1998.
- _____. *The world cities*. Londres, UK: Weindenfeld and Nicolson, 1966.
- HYMER, S. The Multinational Corporation and the Law of Uneven Development. In: BHAGWATI, J. (Ed.) *Economics and world order from the 1970s to the 1990s*. Londres: Colier-MacMillan, 1972.
- JAMESON, F. *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism*. Londres, UK: Verso, 1992.
- JONES, E. *Metropolis*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1990.

- KEELING, D. J. Transport and the World City Paradigm. In: KNOX, P. L., TAYLOR, J. (Eds.) *World cities in a world-system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- KING, A. *Global cities: Post-imperialism and the internationalization of London*. Londres, UK: Routledge, 1990.
- KNOX, P. L. World Cities in a World-System. In: KNOX, P. L., TAYLOR, J. (Eds.) *World cities in a world-system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- KNOX, P. L., TAYLOR, J. (Eds.) *World cities in a world-system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- LENCIONI, S. Reestruturação urbano-industrial no estado de São Paulo: A região da metrópole desconcentrada. *Espaço e Debates*, Ano XIV, n. 38, 1994.
- LO, F., YEUNG, Y. (Eds.) *Globalization and the world of large cities*. Nova York, USA: United Nations University Press, 1998.
- MATTEO, M., TAPIA, J. *As características setoriais e distribuição espacial da indústria paulista na década de noventa: Desconcentração, desindustrialização ou concentração?*, Campinas, 2000, mimeo.
- PINTAUDI, S. M., FRUGOLI Jr, H. (Eds.). *Shopping centers: Espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- REVISTA EXAME. *Melhores e maiores 2001*. São Paulo: Editora Abril, jul. 2001.
- RIMMER, P. J. Transport and Telecommunications among World Cities. In: LO, F., YEUNG, Y. (Eds.) *Globalization and the world of large cities*. Nova York, USA: United Nations University Press, 1998.
- ROLNIK, R. et al. *São Paulo: Crise e mudança*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. S. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SÃO PAULO CONVENTION BUREAU. *Pesquisa e Diagnóstico Econômico do Turismo de Eventos da Cidade de São Paulo*. São Paulo, 2001. (Internet)
- SASSEN, S. Locating Cities on Global Circuits. In: <http://www.lboro.ac.uk/gawc/rb/rb46.html>, *Research Bulletin*, n. 46, 2001.
- _____. *Cities in a world economy*. Londres, UK: Pine Forge Press, 1994.
- _____. *The global city: New York, London and Tokyo*. Princeton, USA: Princeton University Press, 1991.
- SCHIFFER, S. São Paulo como pólo dominante do mercado unificado nacional. In: DEÁK, C., SCHIFFER, S. (Eds.) *O processo de urbanização no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- SCOTT, A. J. *Metropolis: From the division of labor to the urban form*. USA: University of California Press, 1988.
- SCOTT, A. J., SOJA, E. Los Angeles: The Capital of the Twentieth Century. *Environment and Planning D: Society and Space*, n. 4, p. 201-216, 1986.
- SEMPRA (Secretaria Municipal do Planejamento). *São Paulo em números*. São Paulo: Sempra, 2000.
- SMITH, D. A., TIMBERLAKE, M. Cities in global matrices: Toward mapping the world-system's city system. In: KNOX, P. L., TAYLOR, J. (Eds.) *World cities in a world-system*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995a.
- _____. Conceptualising and Mapping the Structure of the World Systems City System. *Urban Studies*, n. 32, p. 287-302, 1995b.
- SOJA, E. *Postmodern geographies: The reassertion of space in critical social theory*. Londres, UK: Verso, 1989.

- SOJA, E. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other real and imagined spaces*. Oxford, UK: Blackwell, 1996.
- STORPER, M. *The regional world: Territorial development in a global economy*. Nova York, USA: Guilford Press, 1997.
- TAYLOR, P. J. Hierarchical Tendencies amongst World Cities: A Global Research Proposal. *Cities*, n. 14, p. 323-332, 1997.
- THRIFT, N. The Geography of International Economic Disorder. In: JOHNSTON, R., TAYLOR, P. J. (Eds.) *A world in crisis? Geographical perspectives*. Oxford, UK: Blackwell, 1989.
- WALLERSTEIN, I. *The capitalist world economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- _____. *The modern world-system*. Nova York: Academic Press, v. III, 1989.

PALAVRAS-CHAVE:

Cidades mundiais ou globais, São Paulo, globalização, metrópoles, atividades Terciárias e quaternárias, Serviços produtivos avançados.

Stamatia Koulioumba

Mestre em planejamento urbano para países em desenvolvimento pela University College London (Londres, Inglaterra). Doutoranda em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAUUSP, com orientação da Profa. Dra. Maria Ruth Amaral de Sampaio.

scripção da J.

re. S. João em op. em a. fundendo a barra daquella banda por onde se podem cortar
em forma de bu. S. J. 58 braças e meia de de palmos por braça. Tem fuso
muy pouco para Di.

YI VIXI M VTC

Mar 50
Realin

canalizo de unbr...

l. axe opente N. 2.

re. Honia, Sua p... sc.

Finco libras e meia a

re. fivel de rocha viva

re. foz aprimo.: